

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES CORPORAIS

ANA LAURA QUEIROZ

MARIA JULIA RINALDI

**Dança em diálogo com práticas esportivas: visões de corpo e contribuições da
dança para a prática do *Cheerleading***

CAMPINAS

2019

ANA LAURA QUEIROZ

MARIA JULIA RINALDI

**Dança em diálogo com práticas esportivas: visões de corpo e contribuições da dança
para a prática do *Cheerleading***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Dança do Departamento de Artes Corporais da Universidade Estadual de Campinas, como requisito para obtenção do grau de Licenciadas em Dança.

Orientadora: Profa. Dra. Mariana Baruco Machado Andraus.

CAMPINAS

2019

BANCA EXAMINADORA

Nome: Profa. Dra. Mariana Baruco Machado Andraus

Prof. Dr. Marco Carlos Uchida

Profa. Dra. Paula Caruso Teixeira

Campinas, 02 de dezembro de 2019.

SUMÁRIO

Introdução	5
1. Apresentação do <i>Cheerleading</i>	
1.1 O que é	6
1.2 História	7
1.3 O <i>Cheerleading</i> na atualidade	09
1.4 O <i>Cheerleading</i> no Brasil	10
1.5 Contextualização da discussão sobre gênero no <i>Cheerleading</i>	11
2. Preparação de aulas de dança estruturadas para praticantes de <i>Cheerleading</i>	16
3. Reflexões sobre ensino de dança e de <i>Cheerleading</i>	
3.1 O corpo e a dança no <i>Cheerleading</i>	19
3.2 O <i>Cheerleading</i> e a Educação Somática	22
3.3 Plano de curso para apresentação para escolas de Ensino Médio	23
Considerações Finais	24
Referências	25

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma reflexão sobre como o ensino de dança para atletas de *cheerleading* pode contribuir para um melhor conhecimento do corpo, que repercute no desempenho das técnicas, bem como uma melhor contextualização sobre diferentes visões de corpo ao longo da história, particularmente no que tange à construção de estereótipos de gênero.

Para isso, divide-se em três capítulos: no primeiro faz-se um traçado histórico do *cheerleading*, desde sua origem nos Estados Unidos até sua chegada ao Brasil, e anuncia-se uma discussão sobre gênero.

No segundo capítulo apresentam-se referenciais do campo da dança e, particularmente, da chamada educação somática em dança, e desenvolve-se uma reflexão a partir da experiência das autoras no ensino de *cheerleading* e de dança contemporânea para atletas de *cheerleading*. São experiências vivenciadas anteriormente ao início da escrita do texto e, nesse sentido, caracterizam-se como relatos de experiência.

No capítulo três, apresentam-se as diretrizes gerais que levaram à elaboração de um plano de curso a ser apresentado a escolas de Ensino Médio, tendo em vista o oferecimento de uma aula híbrida de *cheerleading* com dança contemporânea, criada a partir da reflexão desenvolvida. Este curso difere das práticas de ensino de *cheerleading* comumente encontradas por conter elementos de dança contemporânea em sua elaboração.

1. Apresentação do *Cheerleading*

1.1 O que é?

Cheerleading é uma atividade física coletiva que mistura elementos de dança, acrobacias, saltos, *stunts*¹ e pirâmides² em uma rotina (nome dado para as apresentações que juntam todos esses elementos). Cada rotina oficialmente tem o tempo de dois minutos e trinta segundos, em que cada equipe tem a responsabilidade de realizar todos os requerimentos obrigatórios em seu nível.

Esse esporte é separado por níveis do um ao seis, os quais são diferenciados pela dificuldade dos movimentos: do nível um, que é o mais básico, até o nível seis, que é o mais avançado. Quanto menor o nível, mais simples são seus movimentos e, consequentemente, mais seguros, e a cada nível acima a complexidade dos movimentos vai aumentando e a dificuldade se eleva. O sistema de pontuação e segurança para a definição desses padrões é definido pelo *Varsity All Star Scoring System*³/United States All Star Federation⁴ (USASF).

A princípio o *cheerleading* era um esporte no qual predominava o espírito escolar de liderança e juventude, mas, com o crescimento da modalidade, ocorreu uma expansão da prática para fora do contexto escolar, criando-se os times denominados *all star*, que têm suas próprias categorias de competição.

A composição de uma equipe conta com cinco a trinta e sete atletas; esses são separados entre os posicionamentos de base e *flyer*. Segundo o documento de Regras de Segurança USASF, as definições desses posicionamentos são: “Base é a pessoa em contato direto com a superfície da apresentação que fornece suporte para a outra pessoa. As pessoas que sustentam, levantam ou lançam uma *flyer* na elevação; *flyer* é a pessoa sendo sustentada acima da superfície de apresentação durante a elevação” (USASF, apud BORGES, 2019).

Segundo Borges (2019, p. 30), os elementos fundamentais desse esporte são:

Basket: Um *stunt* em que a *flyer* é arremessada pelas bases, no momento aéreo a *flyer* não tem contato com a base. *Dance*: Corresponde à transição de movimentos durante a rotina composta por passos de dança. *Jump*: Posição aérea que não envolve rotação no eixo vertical [...] *Motion*: Refere-se ao posicionamento do corpo formando figuras. Pirâmide: Quando dois ou

¹ *Stunt* é uma estrutura de sustentação para elevação de uma *flyer*, formada por bases que variam entre uma e quatro pessoas.

² Pirâmide é o nome dado para a ligação de dois ou mais *stunts* conectados por uma *flyer*.

³ *Varsity All Star Scoring System* é o sistema de pontuação utilizado nas competições de *cheerleading* do Brasil.

⁴ USASF é uma federação dos Estados Unidos da América sem fins lucrativos que foi fundada em 2003 com o princípio de tornar o esporte mais seguro, estabelecendo regras justas e consistentes na padronização das competições.

mais stunts estão conectados. *Stunt*: Qualquer habilidade em que a *flyer* é sustentada por uma ou mais pessoas. *Tumbling*: Qualquer habilidade de rotação no eixo vertical que não é sustentado por uma base e que começa e termina na superfície de apresentação. Ex: mortal, rolamento, reversão etc. (BORGES, 2019).

As equipes são treinadas por pessoas denominadas *coaches*, termo que significa treinador. No esporte, o *coach* tem a função de treinar os atletas para alcançarem seus objetivos dentro da modalidade como equipe, e nada tem a ver com a forma como o termo tem sido usado atualmente, com sentido motivacional, como se fosse um “conselheiro pessoal”. Resulta, portanto, dessa breve observação, que nessa monografia o termo “*coach*” sempre terá o seu sentido etimológico, isto é, “treinador”, dentro do contexto do próprio esporte.

1.2 História do *cheerleading*

As primeiras menções a torcidas de *cheerleading*⁵ surgiram no Reino Unido no século XIX. Entretanto, suas primeiras menções práticas apareceram nas Faculdades da Ivy League nos Estados Unidos, como uma modalidade masculina de torcida ainda ligada ao surgimento do futebol de campo na metade do século.

Quanto mais cresciam os esportes universitários e seus investimentos em grandes estádios na América do Norte, os líderes de torcida eram cada vez mais chamados para animar os espectadores e controlar a multidão.

Em 1920 a categoria *cheerleading* se tornou uma atividade extracurricular formal para garotos em todos os colégios e faculdades do país. Eles eram associados ao desenvolvimento de aspectos comportamentais como disciplina, cooperação, liderança e espírito esportivo.

Nessa época, mulheres e negros eram excluídos das escolas exclusivamente masculinas nas quais a modalidade nasceu, mas, a partir dos anos 1920 e 1930, quando os esportes universitários começaram a crescer, organizações estatais começaram a abrir caminho para a participação de mulheres em eventos esportivos.

Uma tradição separada de líderes de torcida em instituições majoritariamente negras começou a evoluir durante o mesmo período, contudo o esporte se manteve em sua maioria praticado por pessoas brancas até os anos de 1970, quando os programas esportivos escolares diversificaram e as equipes começaram a refletir sua composição étnica e racial nas escolas,

⁵ A tradução do inglês para *cheerleading* é líder de torcida, aquele que conduz e anima a torcida.

resultado de protestos de estudantes negros e latinos, que eram em sua maioria excluídos, e de um processo de se contemplar a diversidade étnico-racial em países americanos - inclusão esta que, como podemos ponderar, ainda hoje encontra-se em curso ou mesmo incipiente em algumas regiões.

A mobilização de homens na idade universitária para a segunda guerra mundial em 1960 abriu oportunidades para as mulheres no esporte, o que levou a uma “feminização”⁶ das líderes de torcida na década de 1970, por terem seu corpo esportivo composto de 95% de mulheres. Esse envolvimento mudou a ênfase da modalidade, tornando-a mais “sexualizada”⁷ e, por sua vez, desvalorizando a torcida, fato que abre precedentes para uma complexa discussão também sobre gênero e machismo envolvendo o *cheerleading*.

Em 1980, nos deparamos com a vinda de uma segunda onda feminista, que mudou o pensamento tradicional sobre gênero e garantiu o acesso igualitário ao esporte em instituições federais dos Estados Unidos para as mulheres (GRINDSTAFF, 2015).

O *cheerleading* passou a ser criticado por sua característica de suporte a eventos de esportes masculinos, sendo taxado, nesse momento, como um perpetuador da desigualdade de gênero. A introdução de times de *cheerleading* em clubes de esporte profissionais agravou essa situação, devido à natureza sexualizada que as apresentações costumam ter. No Brasil, podemos citar como exemplo inúmeros filmes de estúdios estadunidenses com temáticas “teen”, em que a figura da namorada como “mera animadora” de torcida se propagou no imaginário adolescente desde os anos 1980. Um exemplo bastante emblemático de filme para ilustrar esse contexto seria o filme “Karatê Kid - A hora da verdade” (IMDb, 2019), no qual o protagonista, um jovem estudante, chega em uma nova escola e se interessa pela líder da torcida organizada, passando a ter problemas de relacionamento com os rapazes da turma, dentre os quais o namorado violento da garota.

No entanto, esse período de declínio do esporte foi curto, e o *cheerleading* retornou mais triunfante. Isso ocorreu devido ao acréscimo de elementos mais atléticos na prática, e de eventos esportivos como acampamentos e competições. O *cheerleading*, além de dança e movimentos, passou a contar com saltos, acrobacias, pirâmides e *tumbings* complexos, o que o tornou mais atraente para uma geração de mulheres que, naquela época, já tinham mais opções atléticas do que antes, e também para o retorno de participantes homens. Porém o acréscimo de acrobacias de alto nível de dificuldade teve seus custos. Estudos mostram que o

⁶ Usamos o termo entre aspas para evidenciar que discordamos dos estereótipos comumente associados a uma pretensa “feminilidade”.

⁷ Usamos o termos entre aspas para evidenciar que não é nossa intenção reduzir a sexualidade, um fenômeno biossocial complexo, aos estereótipos comumente associados a ela.

esporte se tornou a maior causa de sérias lesões e acidentes esportivos de mulheres. Segundo Barry P. Boden (2003),

[...] revisamos 29 de 39 incidentes de lesões de torcida relatados ao Centro Nacional de Pesquisa em Lesões Esportivas Catastróficas de 1982 a 2002 [...] Vinte e sete das líderes de torcida feridas eram mulheres. Houve 1,95 lesões catastróficas diretas por ano ou 0,6 lesões por 100.000 participantes. A taxa de lesões entre as líderes de torcida da faculdade era cinco vezes a dos participantes do ensino médio. As acrobacias mais comuns realizadas no momento da lesão foram uma pirâmide (9) ou um cesto (8). As lesões catastróficas incluíram 17 lesões graves na cabeça, resultando em 13 fraturas no crânio e 2 mortes; 8 fraturas cervicais ou grandes lesões ligamentares; 3 contusões da medula espinhal; e 1 traumatismo craniano concomitante e fratura cervical (BODEN, 2003).

Em 1990, surgiram formas alternativas de *cheerleading* como times LGBT's ,100% negros e/ou feministas, que usam o esporte como forma de voz energética e chamativa para protestar sobre injustiças sociais.

O primeiro evento televisionado foi em 1978, seguidos por outros nos anos seguintes. Desde então o *cheerleading* se tornou um tema popular para audiências nacionais e internacionais, filmes, séries e programas de TV, tudo isso sendo potencializado pelo que podemos chamar de indústria do *cheerleading*. A transmissão global de campeonatos de *cheerleading* pelo canal ESPN popularizou ainda mais o esporte, que começou a ultrapassar as barreiras de um esporte universitário, surgindo assim equipes *all star*⁸. O aumento de competições e de times *all star* nos anos 1990 fez com que o nível do esporte crescesse e se desenvolvesse.

Em 26 de abril de 2004 foi criada, com o apoio da International All Star Federation, a União Internacional de Cheerleading - International Cheer Union (ICU), órgão governamental estadunidense sem fins lucrativos destinado a melhorar a organização global do esporte e sua expansão pelo mundo. Sua primeira reunião foi em Orlando, na presença de 13 federações nacionais (GRINDSTAFF, 2015).

⁸ *All Star* são equipes independentes da modalidade *cheerleading* que não são associadas a nenhuma escola/universidade.

1.3 O *Cheerleading* na atualidade

Em dezembro de 2016 o Comitê Olímpico Internacional (COI) reconheceu o *cheerleading* como um esporte e adicionou a ICU para o grupo de federações que são reconhecidas pela entidade olímpica. Atualmente a ICU é composta de 105 federações nacionais e estima-se que tenha aproximadamente três milhões e meio de atletas em todo o mundo.

O presidente atual da International Cheer Union é Jeff Webb, responsável por criar a relação de 32 anos da *Varsity All Star* com a ESPN.

Atualmente, o *cheerleading* ainda carrega uma carga considerada “feminina” cheia de estereótipos. Há uma estética forte de uniformes curtos, sendo geralmente saias com muito brilho, cabelos e maquiagens extravagantes, além de existir uma série de movimentos codificados da técnica, que carregam o peso da sexualização feminina. Esses elementos sexualizados vêm, a cada ano, sendo retirados das rotinas e de suas composições para a regulamentação dessa prática como uma modalidade esportiva.

No entanto, a prática não precisa permanecer eternamente engessada com esses padrões estereotipados, até mesmo porque, conforme exposto, não nasceu com esse caráter. Cabe aos seus participantes desmistificar, mediante reflexão e crítica, esta prática, facilitando que em seu processo evolutivo ela se transforme e possa até servir de instrumento na luta por equidade de gênero, como já ocorre nos times Cheer D.C., Cheer Seattle, que são times que dão suporte, participam de eventos e arrecadam fundos para promover a saúde e bem-estar da comunidade LGBT, e Rocky Mountain Rebels, Lickity Split e Teen Radical Cheer, que são times que fizeram parte do “*Radical cheerleading*” um movimento que começou em 1996, o qual usa o *cheerleading* para se posicionar politicamente contra o sexismo, patriarcado, entre outros valores.

O primeiro esquadrão de líderes de torcida radical foi formado em 1996, quando as irmãs Caraid, Aimee e Colleen Jennings, da Flórida, infundiram habilidades de torcida juniors com a política anarquista. Cheerleading trouxe uma renovada na “emoção feminista chata” manifestações dominadas por homens. Em 1997, as irmãs começaram a publicar Cheerbooks e a se apresentar publicamente, e logo os grupos Radical Cheerleading se formaram nos Estados Unidos e em algumas cidades internacionais. (VACCARO, 2004).

1.4 O *Cheerleading* no Brasil

Segundo a União Brasileira de Cheerleading (UBC), o *cheerleading* teve início oficial no Brasil no ano de 2008, por meio da criação da Comissão Paulista de Cheerleading em São Paulo. No entanto, encontram-se relatos de que sua origem foi em 2007, na cidade de Volta Redonda, quando o atleta Cauê Souza, precursor do *cheerleading* no país, retornou após morar nos Estados Unidos durante seis anos, nos quais foi *cheerleader* escolar, tendo competido o campeonato mundial com o time Cheer Eclipse Comets.

Após seu retorno e, diante de um contexto no qual se deparou com a ausência de times ou treinadores para continuar a praticar o esporte, Cauê Souza conheceu estudantes de Educação Física no Centro Universitário de Volta Redonda, onde, a pedido de uma professora, ministrou um workshop com elementos de *cheerleading*.

Ele se dispôs a treinar alunos do curso de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro que buscavam o conhecimento necessário para montar uma equipe universitária, no intuito de somar pontos para a torcida em jogos universitários. Em 2008, conheceu Márcio Tavares, com quem se uniu, chamando atenção para o esporte. Criaram, assim, o primeiro time *all star* Brasileiro, o *Rio Twister All Stars*, com Cauê como *coach*. O primeiro Ginásio de Cheerleading do Brasil foi inaugurado em 2015, no Rio de Janeiro.

Simultaneamente, os professores de Educação Física Rodrigo Gonçalves e Wendel Dantas, que conheceram o *cheerleading* no Chile, começaram a treinar uma equipe no Ibirapuera e, posteriormente, fundaram a União Brasileira de Cheerleading.

A UBC atualmente é a única entidade vinculada à ICU, porém ainda não é reconhecida pelo Conselho Nacional do Esporte e Comitê Olímpico Brasileiro. Ela tem como objetivo promover cursos para o treinamento de *coachs* e atletas, e organizar competições para promover o esporte no país. Além disso, é a responsável pela Equipe Brasileira de Cheerleading que participa do campeonato mundial da ICU desde 2015. A equipe Team Brazil ganhou destaque em 2018, quando pela primeira vez foi classificada para as finais do campeonato mundial de *cheerleading*, em algumas categorias, mantendo esse status em 2019 (BORGES, 2019).

Atualmente já existem mais de 200 equipes de *cheerleading* espalhadas pelo país. Esse panorama tende a crescer, pois o esporte ganha cada vez mais visibilidade no país. Novos times universitários e *All Star* se formam, e novas competições surgem, ou passam a incluir o *cheerleading* como categoria devido a esta demanda, como é o caso da Federação

Universitária Paulista de Esportes, que acrescentou o *cheerleading* como competição no Campeonato Paulista Universitário pela primeira vez em 2019.

1.5 Contextualização da discussão sobre gênero no *Cheerleading*

Como citado anteriormente, a participação de mulheres em times de *cheerleading* nos colégios estadunidenses começou nos anos 1920 e 1930, quando os esportes colegiais se expandiram e homens e mulheres começavam a socializar mais publicamente. Iniciou-se também uma tradição separada de *cheerleading* envolvendo instituições educacionais negras, porém o *cheerleading* permaneceu sendo majoritariamente praticado por pessoas brancas. Apenas por volta dos anos 1960 e 1970, com a diversificação de programas atléticos nas escolas, que os times começaram a refletir representatividade étnica. Essa mudança ocorreu, em parte, devido a protestos de alunos negros e latinos.

Em 1960 o *cheerleading* tornou-se majoritariamente feminino, com um corpo composto por 95% de mulheres. Este fenômeno se deu, conforme explicado no capítulo 1, devido à segunda guerra mundial, que recrutou homens de idade escolar, de modo a criar oportunidade e espaço para mulheres no *cheerleading*, que acabou se “feminilizando” (GRINDSTAFF, 2015).

Vale a pena notar que o movimento histórico de transformação deste esporte de uma prática completamente masculina para como se encontra hoje, majoritariamente feminina, ocorreu em decorrência de uma brecha contextual. A adesão feminina a esse esporte se deu quando surgiu uma abertura: a oportunidade de ocupar um espaço porque ele não era mais ocupado por homens, devido à evasão relacionada à guerra. Isto é, há um elemento que nos ajuda a ponderar sobre machismo estrutural, uma vez que, mesmo num esporte considerado “feminino”, as mulheres dependeram de uma lacuna deixada por homens para poderem existir neste contexto.

O massivo envolvimento feminino mudou a natureza do *cheerleading*, por meio da exploração de atrativos físicos e *sex appeal*. Essa mudança, por sua vez, levou a uma banalização e desvalorização do esporte:

[...] Desde os anos setenta, as mulheres entravam massivamente nas universidades e passavam a reivindicar seu lugar na história. Juntamente com elas, emergiram seus temas e problematizações, seu universo, suas inquietações, suas lógicas diferenciadas, seus olhares desconhecidos (RAGO, 1998, p. 90).

Ao observarmos os fatos citados anteriormente com os pensamentos e debates de gênero que conhecemos hoje, corremos o risco de promover uma visão baseada em velhos estereótipos relacionados a uma pretensa “feminilidade”: a relação direta do feminino com beleza e sexualidade, e como isso transparece ao falarmos de corpo.

Miyoshi, no livro “A história do corpo”, afirma: “Além de o corpo pivotar o mundo é ele também um mediador à conversa entre os intrincados ramos do saber” (MIYOSHI, 2008). A partir do pensamento de Miyoshi fazemos uma reflexão sobre como o corpo se relaciona a um contexto histórico e social, que influencia suas relações e imagens. O *cheerleading* é um esporte no qual o corpo é o foco. Ele não gira em torno de algo externo, mas sim de relações corporais que se constroem e formam figuras e movimentos conjuntos. Devido à natureza corpórea desta prática, o corpo se torna um mediador e transpõe o contexto em que vive, contexto este no qual há um evidente problema de gênero e também a presença de estereótipos femininos.

Portanto, podemos pensar que é impossível falar sobre essas mudanças relacionadas a gênero e estereótipos em um esporte que lida com o corpo, e com corpos em consonância, sem pensar no contexto em que se encontrava a visão sobre o corpo naquela época:

A história do corpo é a história da civilização. Cada sociedade, cada cultura age sobre o corpo determinando-o, [...], cria os seus próprios padrões. Surgem, então, os padrões de beleza, da sensualidade, de saúde, de postura, que dão referências aos indivíduos para se construírem como homens e como mulheres. Ao longo do tempo, esses modelos produziram a história corporal, funcionando como mecanismos codificadores de sentido e produtores da história corporal, percebendo-se que as mudanças que foram acontecendo na noção de corpo foram oriundas das mudanças no discurso. (BARBOSA, MATOS, COSTA. 2011, p. 24).

Para situar a história deste corpo que se constrói socialmente, voltaremos um pouco no tempo e analisaremos um pouco da construção da relação entre sexualidade e feminino.

Na Grécia Antiga, onde o corpo era exaltado e idealizado, a mulher não era considerada uma cidadã, cabendo a ela apenas o papel da obediência, fidelidade aos seus pais e maridos, e reprodução. Os prazeres eram destinados aos homens, que tinham mais liberdade em todos os aspectos, como bigamia e homossexualidade, que eram tratadas como naturais naquela cultura. Já as mulheres, para sair, deviam cobrir seus corpos, enquanto os homens usufruíam de roupas leves e da possibilidade de andar nus em pátios.

Com o passar do tempo, o corpo idealizado da Grécia Antiga passa a ser condenado pelo cristianismo. Este começa a ser visto como a prisão da alma, sendo nosso dever lutar contra suas vontades, e torna-se motivo de vergonha. No pensamento judaico-cristão, as

dores do corpo passam a ser exaltadas, através do sofrimento do corpo de Cristo, sendo este um meio para alcançar a salvação (BARBOSA, MATOS e COSTA, 2011).

Na Idade Média, a união da religião com a monarquia endureceu ainda mais a visão sobre o corpo. Castigos, torturas e execuções públicas tornaram-se instrumentos de purificação para almas hereges. A inquisição era uma ferramenta que mantinha o poder da Igreja, instituição gerida por homens, o que retirava progressivamente as mulheres da hierarquia de outras instituições e da participação social como um todo:

A raiz do medo da mulher, no homem, estava ligada aos segredos do parto, da cura [...]. Ela ainda conhecia os segredos dos venenos, das poções e dos filtros (espécies de chá) que enfeitiçaram e matavam, sendo a senhora da vida e da morte. Os homens medievais procuravam lutar contra esse saber-poder, estavam embutidos de crenças e mitos temiam a sabedoria feminina, porque desejavam garantir sua soberania, partindo para uma caçada sangrenta nunca vista em nenhuma outra civilização. O que significa que as fogueiras da Inquisição se constituíram em defesa da sociedade feudal (FREIRE, SOBRINHO, 2006, p. 54).

A Inquisição condenou mais de cem mil mulheres a serem queimadas vivas na fogueira por bruxaria, sob a ideia de que a bruxaria era o meio do demônio fazer mal aos homens, usando para isso a sexualidade que, automaticamente, era relacionada a mulheres. Em 1232 criou-se um tribunal com a função de julgar crimes de feitiçaria, magia e bruxaria. Além disso, o corpo da mulher passava por outros estigmas vindos de lugares como a medicina, por meio de médicos como François Rabelais, por exemplo, que chamou o “corpo histérico” da mulher para taxar uma desordem moral. Freire e Sobrinho, em seu estudo “A figura feminina no contexto da inquisição” (2006), chegam à conclusão de que a bruxaria era atribuída não pelo que distinguia essas mulheres umas das outras, mas sim, pela própria natureza feminina, que se relacionava aos sabás, rituais, nos quais havia dança, considerados pelos homens momentos em que as mulheres “dançavam para os demônios” e copulavam com eles, tornando-se bruxas através do sexo, este visto como impuro e maléfico por natureza.

Pela sexualidade o demônio apropriou-se primeiro do corpo e depois da alma do homem. Como as mulheres estão ligadas essencialmente à sexualidade, e “porque nasceram de uma costela de Adão”, nenhuma mulher poderia ser correta, elas tornavam-se *agentes do demônio* (feiticeiras) (BARBOSA, MATOS, COSTA, 2011, p. 27)”.

Rago (1998) discute sobre como as subjetividades são históricas e não naturais, e como podem ser construídas entre campos, áreas, dimensões, sem necessidade exterior

predeterminada. Desse modo, os ideais de mulher, homem, criança, ou estigmas como “louca” e “prostituta”, não deveriam ser pensados como natureza biologicamente determinada, mas sim como uma construção social.

Neste contexto, essencialmente teológico, a "maldição bíblica de Eva", acompanharia mais do que nunca a mulher. Estigmatizando-a como responsável pela queda do homem e como tradução da perseguição implacável ao corpo da mulher (FREIRE, SOBRINHO, 2006, p. 54).

A partir disso podemos pensar na influência que toda essa construção histórica sobre o corpo e o feminino pode interferir no momento da história em que as mulheres ganham espaço dentro do *cheerleading*. Qual o peso das características que vinham sendo determinadas e relacionadas à feminilidade no momento em que o corpo tem lugar para transparecer? Tendo o *cheerleading* surgido nos Estados Unidos, teria a mentalidade judaico-cristã presente naquele país determinado, de alguma forma, os elementos “feminilizados” dessa prática, tais como, por exemplo, o uso de saias? Se neste novo momento os países americanos estão, cada qual à sua maneira, ampliando essa discussão para refletir melhor sobre diversidade e sobre uma efetiva inclusão social tanto do ponto de vista do gênero quanto da questão étnico-racial, será que não é importante olhar para os problemas de gênero revelados na evolução histórica desta prática aparentemente sexista, mas cuja origem mostra o contrário? Por que ela ganhou as características que ganhou?

2. PREPARAÇÃO DE AULAS DE DANÇA ESTRUTURADAS PARA PRATICANTES DE *CHEERLEADING*

O *cheerleading*, sendo um esporte de alto rendimento, requer uma boa condição física de resistência e flexibilidade dos atletas, por isso é sempre interessante quando aparecem para essas práticas pessoas com experiência em dança. Além de terem um entendimento mais dinâmico das indicações dos exercícios, seus corpos se posicionam de forma mais preparada e consciente que outros que nunca praticaram nenhum tipo de aula de dança. Mas gostaríamos de deixar explícito que não falamos apenas de uma preparação física, mas sim de um conjunto de mecanismos psicofísicos de consciência corporal mais refinados que facilitam o aprendizado do esporte.

Em contraponto, alguns bailarinos, a depender do tipo de treinamento ao qual se dedicam, apresentam dificuldade de diluir padrões corporais que dificultam a realização de algumas atividades na técnica de *cheerleading*, como, por exemplo, o eixo corporal para frente, que dificulta as subidas nos *stunts* (que devem ser sempre para cima com o crescimento do eixo pela coluna) e, quando apresentam essas dificuldades, acabam sendo rigorosos demais consigo mesmos, atrapalhando o processo de aprendizado (que é baseado em tentativas, com acertos e erros).

Trabalhar com bailarinos pode ser muito enriquecedor, pois, com um corpo mais maleável e disposto às aulas, evoluem em um ritmo mais acelerado que o comum, mas ao mesmo tempo é um desafio lidar com as dificuldades e imagens corporais já prementes em seus corpos em decorrência do histórico de formação em dança.

O *cheerleading* é um esporte pouco conhecido no Brasil, porém ao mesmo tempo muito idealizado, devido às imagens que filmes americanos destinados ao público adolescente trouxeram a esse esporte. Filmes como “As apimentadas”, por exemplo, criaram uma geração que cresceu com a ideia de uma prática que ainda não havia chegado em nosso país, fazendo com que pessoas (principalmente mulheres) tivessem vontade de experimentar esse esporte vinculado a “*status*” e popularidade nas narrativas dos filmes.

A chegada do esporte no país fez com que diversos públicos comesçassem a procurar e praticar esse esporte, desde a geração que cresceu com o sonho de experimentar o tão conhecido *cheerleading* dos filmes, a atletas, ginastas, e universitários que passaram a conhecer o esporte. Deste modo, o universo dos times de *cheerleading* é composto por diferentes tipos de pessoas, muitas destas sem ter conhecimento e prática anteriores de dança,

tendo neste esporte seu primeiro contato com movimentos coreografados e um trabalho de consciência corporal.

As aulas costumam ser preparadas pensando em agregar e propiciar aprendizado tanto para alunos com conhecimento em dança, quanto para aqueles que nunca tiveram um contato anterior com dança. Desenvolvemos essas práticas desde 2016, isto é, anteriormente à escrita deste texto, e trazemos uma reflexão nossa a partir da experiência vivida como professoras, ensinando dança e *cheerleading* para pessoas de 18 a 25 anos sem formação específica em dança.

O primeiro contato dessas pessoas com as aulas e com a dança em si foi baseado em dinâmicas de reconhecimento e autoconhecimento, para que pudessem, primeiramente, reconhecer e entender suas próprias estruturas corporais. Um embasamento prático-teórico foi essencial para este planejamento. Esse conhecimento foi composto a partir da grade curricular do curso de Licenciatura em Dança da Universidade Estadual de Campinas e também a partir de pesquisa da bibliografia de técnicas e autores estudados, como, por exemplo, Klauss Vianna:

Para Klauss Vianna, é preciso primeiramente uma consciência corporal. Ele afirma que não é possível moldar um corpo quando ainda não se tem esse corpo, ou seja, é muito importante conhecer o próprio corpo, assim como suas possibilidades e limitações para poder expressar-se através deste (FIGUEIRA, 2006, p. 20).

Além disso, o planejamento buscou relacionar esses novos saberes com práticas já conhecidas pelos alunos dentro dos treinos de *cheerleading*, de modo a relacionar os aprendizados a um saber já recorrente a esses corpos. A intenção aqui foi trazer à percepção desses alunos que seus corpos já possuíam um conhecimento próprio em dança, resultado de suas próprias experiências, mas focadas, no caso, nos treinos de *cheerleading*, e agregadas por quaisquer outras práticas corporais que eles pudessem ter vivenciado anteriormente, proporcionando, deste modo, uma relação de identificação proposital, e trazendo novos conceitos para a zona de experiência dessas pessoas.

Klauss acreditava que neste processo não se pode esquecer ou ignorar que o corpo que se exercita é o mesmo corpo que realiza as atividades cotidianas como correr e brincar e é o mesmo que vivencia a dor, o amor, a alegria e o sofrer. Considerar e respeitar o histórico individual de cada um faz com que esse trabalho de autoconhecimento seja mais rico e mais fácil pois o indivíduo entenderá seu corpo como único e individual possuidor de sentimentos e emoções próprias que podem ser expressadas. (FIGUEIRA, 2006, p. 20).

O planejamento foi feito com o pensamento de buscar o conhecimento destes corpos e ajudá-los na busca de novas descobertas e conexões. Não se objetivou um ideal único, tampouco a proposta de trabalhar apenas com formas, mas sim percorrer caminhos que trouxessem sentido ao movimento, que trabalhassem com imagens e a partir da intenção dos movimentos, quaisquer imagens que fizessem sentido para eles, fugindo de quaisquer estereótipos de movimentos predefinidos. Baseadas na técnica Klauss Vianna, foram propostas atividades com os seguintes conceitos: presença, articulações, peso, apoios, resistência, oposições e eixo.

Por fim, as práticas contaram com um trabalho de alongamento, muito necessário para o esporte, e um processo de aprendizado coreográfico, com momentos de criação no estilo *Cheerdance* feito a partir de um momento reservado para aprender coreografias neste estilo, acostumando esses corpos com esta modalidade e conciliando os conteúdos das práticas em um momento já completamente vinculado ao *cheerleading* e, também, criando memória e repertório corporal.

Para isso, foram usadas três estratégias muito importantes no processo de ensino da dança. A **demonstração**, que tem uma função informativa, ajudando o aluno a compreender um novo movimento ou sequência:

Nessa estrutura, a demonstração é uma fonte de informação em que os alunos são ativos agentes transformadores, que classificam, organizam, associam e transformam o movimento demonstrado, a fim de dar uma resposta motora a tal movimento. (SPESSATO, VALENTINI, 2013, p. 477).

A segunda estratégia foram as **dicas verbais**, que serviram como um guia para direcionar a atenção a informações relevantes, e momentos e estratégias específicas que facilitassem a compreensão do movimento (SPESSATO, VALENTINI, 2013, p. 478). Em terceiro lugar, foram usadas as **imagens mentais**, levando a uma repetição mental dos movimentos visando a uma construção simbólica, no intuito de facilitar o aprendizado.

O professor pode conduzir o pensamento do aluno, fornecendo imagens visuais que favoreçam a compreensão da execução e dinâmica do movimento, bem como utilizar imagens cinestésicas que favoreçam a percepção de como é a sensação, ao se realizar o movimento. (SPESSATO, VALENTINI, 2013, p. 479).

3. REFLEXÕES SOBRE ENSINO DE DANÇA E DE *CHEERLEADING*

3.1 O corpo e a dança no *Cheerleading*

Como já explicado nos capítulos anteriores, o *cheerleading* é um esporte que utiliza elementos múltiplos e que exalta seus movimentos com criatividade e vigor. Sua história pode ser resumida por vontade de ganhar um espaço de valorização, sendo dentro de uma prática esportiva, de uma dança ou de uma torcida, e em todos esses aspectos há um pensamento sobre o corpo que, do ponto de vista do campo de conhecimento da dança, poderia ser repensado para uma melhor compreensão e delimitação epistemológica desta prática.

No cotidiano da nossa sociedade, por mais irônico que seja, é perceptível um afastamento do corpo. É irônico pois, essencialmente, o ser humano é corpo; é através deste que nos relacionamos, que transpomos os limites do pensamento e imaginação, onde tudo se concretiza, se torna real e vem para o plano do palpável. Tudo é corpo, e ele é o centro de tudo, pois tudo passa por ele. No entanto, ainda vivemos em uma cultura de dicotomia entre corpo e mente, na qual a mente é valorizada e vista como motor de todas as coisas – pensa-se que o cérebro é quem planeja, pensa e tem as habilidades lógicas e racionais, enquanto o corpo, por muitas vezes, não se torna assunto de pensamento e debate, e passa quase despercebido. No *cheerleading*, em geral segue-se com as rotinas sem refletir sobre como se portar em relação às posturas, muitas vezes passando horas realizando movimentos repetitivos, em uma posição inadequada e sem prática de exercícios físicos. Quando não, no momento em que o pensamento está direcionado ao corpo é muito comum ligá-lo, quase que automaticamente, à sexualidade – um outro problema comumente verificado.

Esses dois aspectos poderiam ser revistos por praticantes de *cheerleading* para, possivelmente, conduzir esta prática a um estatuto de conhecimento, e não apenas um *hobbie*. Esta seria, portanto, a importância de se pensar no ensino de *cheerleading* metodologicamente influenciado por referenciais específicos da dança, que muito tem a contribuir com esta prática.

No cenário das artes e, em especial, da dança, há um esforço para a desconstrução dessa imagem. Neste ambiente compreende-se que não há mente sem corpo, não há existir sem corpo. Nós somos corpo. Não há uma visão sexualizada, pois o corpo e o movimento são visto apenas pelo que são: naturais. Um toque pode dizer muitas coisas, e apenas uma fração

pequena desse significado tem teor sexual. Na maior parte do tempo, nossos corpos se relacionam e dialogam por meio de toques, sensações, olhares, palavras, posturas, pronunciando os mais diversos discursos e expressando tudo aquilo que nossa mente formula racionalmente e inconscientemente.

Para a prática de *cheerleading*, também é necessário ver o corpo como elemento central. Diferente de muitos esportes que se relacionam com elementos externos – como, por exemplo, jogos com bola, objetos, até mesmo ambientes (como na água), o *cheerleading* se dá exclusivamente através de corpos e suas relações. Tudo é feito com a formação de posturas corporais, construções de imagens realizadas a partir da união e encaixe de vários corpos, e também possibilidades de movimentos. Além disso, o esporte exige a desconstrução daquela visão sexualizada de toque, ou de partes do corpo específicas. Por ser um esporte de muito contato, os atletas estão sempre tocando, encostando e dando apoio a diferentes áreas do corpo, de modo que regiões como glúteos e pernas são vistas exclusivamente como partes naturais que compõem um corpo. Não há maldade nem teor sexual: apenas apoios anatômicos, alavancas corporais e uso de impulso e peso das partes.

Para a execução das posturas é necessário um alto nível de equilíbrio e controle muscular, afinal é um esporte que sustenta pessoas acima de uma base, também feita por pessoas, em diversas posições. Para que isso seja possível existem pegadas e posições específicas que devem ser precisamente executadas, musculaturas que devem ser ativadas ou se torna insustentável o stunt ficar de pé.

Para ilustrar melhor esse aspecto tomemos o exemplo da posição chamada de *Heel*, ilustrada na imagem à direita. Em resumo, a flyer está posicionada com o apoio de apenas um pé, sobre as mãos de três bases, que seguram seu pé e perna. Para que isso seja possível, as bases devem segurar o pé da flyer com as duas mãos, de modo a usar as palmas para “dar chão” para o pé, mantendo os braços estendidos



Figura 1. Na imagem aparecem as autoras.

em um ponto de equilíbrio comum entre os três e seguindo o eixo corporal da *flyer*.

Como se pode ver neste exemplo, trata-se de uma prática que demanda um conhecimento muito especializado da mecânica do corpo, do adequado alinhamento ósseo para promover equilíbrio e de uma adequada dosagem de recrutamento muscular, pois tanto a frouxidão quanto a tensão em excesso prejudicam a performance. O licenciado em dança, tendo cursado disciplinas de anatomia, fisiologia e cinesiologia, tem o conhecimento necessário para colocar esse adequado funcionamento corporal em diálogo com outros elementos pertinentes à dança, como o uso de música, a escolha direcionada de figurinos e o estudo das relações/interações com o público.

No *cheerleading* é necessário um alto controle sobre o corpo. No entanto, muitos times são formados inicialmente por pessoas de diferentes áreas, possivelmente sem contato prévio com práticas corporais, e consequentemente sem um trabalho de corpo que proporcione o autoconhecimento necessário para a prática. Isto pode se tornar um problema para a execução do esporte, pois é comum que atletas não entendam exatamente quais são as partes do corpo que devem ativar para manter determinada postura, ou ainda, não conhecerem os mecanismos necessários para saber como usar musculaturas específicas, além de não ter o trabalho de coordenação para ativar diferentes áreas ao mesmo tempo e usá-las em harmonia. Todos esses requisitos podem ser trabalhados por um licenciado em dança. É neste cenário que o conhecimento específico de dança se torna essencialmente rico para este esporte.

É perceptível, nos praticantes, como eles vão descobrindo possibilidades em seus corpos, além de uma melhora de percepção geral do espaço, memorização de movimentos, expressão etc. É importante enfatizar que não só a prática em dança é muito rica para o trabalho de diversos elementos presentes no esporte *cheerleading*, mas também é uma parte legítima do esporte por si só. As rotinas são, de modo geral, coreografias de movimentos, e têm partes específicas de movimentos de dança que são contadas, por regulamento, como parte essencial da rotina, valendo pontuação. Portanto, o *cheerleading* – diferentemente de outros esportes – é uma mescla de atletismo e elementos artísticos em igual importância.

3.2 O *Cheerleading* e a Educação Somática

Como citado no capítulo anterior, o *cheerleading* é uma prática exclusivamente corporal, na qual é necessário um alto nível de percepção, propriocepção e controle corporal. A educação somática vê o corpo de forma integrada, uma soma, transcendendo a antiga dicotomia entre corpo e mente. Dessa forma, exercita a aprendizagem do trabalho das estruturas em harmonia; as musculaturas trabalham juntas e usam o auxílio de ferramentas que nosso próprio corpo nos oferece, mas que nem sempre sabemos usar – especialmente quando ainda não tivemos adequada instrução prático-teórica para pesquisá-las.

Ao estudarmos dança nos apropriamos de conceitos como o uso do peso de nosso próprio corpo para movimentações, transferências de peso e pontos de equilíbrio que minimizam a força e aumentam a estabilidade. As alavancas que tornam possível o levantamento de determinadas partes sem ter que usar força bruta, além de encaixes em nosso próprio corpo, fazem com que posições aparentemente difíceis se tornem confortáveis.

Esse saber cria para o artista e/ou atleta, principalmente, uma noção de todo. O corpo passa a ser pensado de forma integrada e, conseqüentemente, trabalhado desta forma. Os esforços se tornam um exercício geral do corpo, com cada parte trabalhando com suas especificidades e ativando as musculaturas necessárias, mas sem deixar de ter a percepção do todo, percepção esta que se amplia para além do próprio corpo e passa a se relacionar com os demais corpos, tempos, espaços, criando a sincronia de um corpo geral – a equipe – que trabalha como se fosse um só corpo.

3.3. Plano de curso para apresentação para escolas de Ensino Médio

Para o planejamento de um curso que integre conhecimentos do ensino de dança com uma agenda de treinos atléticos para a prática de *cheerleading*, pensamos em como estruturar esse processo de aprendizagem em um período de quatro meses (correspondente a um semestre escolar), considerando que podem haver módulos que avancem com os níveis de aprendizado.

Para isso, o primeiro passo seria criar uma fundamentação que sirva como base, em ambas as áreas. Ou seja, começar pelo que julgamos ser o “início” de cada técnica: para a dança contemporânea, o primeiro passo seria o conhecimento/reconhecimento de si, enquanto na parte esportiva do *cheerleading* seriam as posições, tanto em uma relação individual – “como eu posiciono meu próprio corpo” – quanto do todo – “como meu corpo se posiciona

em função do movimento geral”. Daríamos, então, sequência com movimentos básicos que partem dessas posições iniciais.

Ou seja, pensando na parte da dança, o Módulo I deste plano se basearia no **conhecimento/reconhecimento de si**, que se dá a partir de trabalhos de conhecimento do corpo (estruturas, eixos, peso, sentidos, sensações, tridimensionalidade e possibilidades de movimento), de percepção de espaço, de grupo, de temporalidades, velocidades etc. Todas essas noções seriam trabalhadas através de exercícios didáticos, jogos lúdicos e trabalhos de técnica ao decorrer do semestre, usando embasamento de estudiosos da área como foram citados no planejamento de aulas relatado no capítulo 2.

O trabalho técnico do esporte começaria pela aprendizagem das **posições** primárias do *cheerleading*, pois sem esse conhecimento é impossível realizar outros elementos e avançar na prática do esporte – conciliando, assim, todo o trabalho de conhecimento corporal e reconhecimento de eixos e desenvolvendo para os movimentos básicos que partem desse movimento e que se enquadram, no máximo, até o nível 2.

O Módulo II deste planejamento seriam um modo de aprofundar os conhecimentos em ambas as áreas, trabalhando conceitos mais refinados da dança como, por exemplo, vetores de oposições, estudos de torções, movimento contralateral etc., e também avançando nos níveis do esporte e aprendendo elementos mais elaborados e ousados. Criaríamos, desta forma, um desenvolvimento que crie diálogos entre ambas as partes das aulas e trabalhe o fortalecimento da unificação deste saber, o pensamento conjunto e o uso harmônico de tudo que está sendo aprendido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *cheerleading* é um esporte de alto rendimento para o qual é indispensável o autoconhecimento corporal, percepção de espaço, trabalho de técnicas corporais, noção de percepção de grupo e sincronia, e atenção completamente direcionada ao corpo. Mas, além disso tudo, podemos ir mais fundo e falar sobre o diferencial do *cheerleading* na área dos esportes, e ainda, como isso nos dá base para validar a importância do conhecimento em dança nesta área e sobre como a percepção de gênero é influenciada por esse fator.

Afinal, considerando toda sua estrutura, o *cheerleading* não se trata apenas de um esporte, que tem regras e um objetivo claro - como número de pontos, por exemplo. Ele se apresenta também como uma performance artística. Há um teor de contemplação das possibilidades de movimentos e estruturas corpóreas que acontecem no decorrer de uma rotina que fazem com que ela, em si, seja uma real apresentação de dança. Uma coreografia que apresenta uma riqueza de movimentos e alto nível de execução.

Considerando todo seu contexto histórico de ser uma prática masculina que se tornou majoritariamente feminina através de uma brecha histórica, e como isto transformou o esporte por trazer todo o conteúdo, peso e estereótipo histórico que um corpo feminino traz – e somando essa natureza artística e relação com a dança, prática essa também estereotipadamente relacionada ao universo feminino –, conseguimos ter uma noção muito mais clara da construção de uma imagem social “feminilizada” do ou da atleta de *cheerleading*, o que não quer dizer que esta percepção não possa, ou não esteja já se modificando através de iniciativas de times independentes, ou simplesmente de escolhas feitas em cada movimento, cada rotina, cada escolha de figurino e principalmente cada convívio social e rotinas de treino de cada time.

Para que esse pensamento seja trabalhado durante os treinos, é importante que o professor tenha uma percepção histórica desse esporte e da importância dessas relações, além de ser necessário um planejamento de aulas que pense em elementos que tratem sobre o assunto e que, ao se unir com todo o trabalho extremamente necessário de autoconhecimento e técnica corporal, criem uma grade de treinos essencialmente rica para o desenvolvimento tanto físico, quanto social dessas pessoas.

O profissional licenciado em dança se enquadra nesse papel na função de professor que planeja e usa de toda a fundamentação que obteve tanto durante o curso integral de

Licenciatura em Dança, quanto de sua capacidade de selecionar referências de estudo para desenvolver da melhor maneira um trabalho corporal que sacie todas as necessidades do atleta, e também na posição de professor-artista, crítico e pensador, que não se abstém em margem às questões intrínsecas em nossa sociedade que afetam nossas vidas de forma direta e indireta todos os dias.

Esse vínculo entre as áreas da dança e do esporte *cheerleading* se mostra completamente enriquecedor, se não necessário, pois o profissional da dança é altamente capacitado para colocar em prática o pensamento em corpo, abrangendo suas especificidades que permeiam entre o se conhecer, o distanciamento corporal que vivemos e a as questões sociais como gênero. É pelo corpo e para o corpo que pensamos essas questões e buscamos trabalho e soluções de modo a nos aproximar de nossos corpos e consequentemente de nossos objetivos, possibilidade, e de nós próprios como soma.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, M. R., MATOS, P.M. e COSTA, M. E. (2011). Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. *Psicologia e Sociedade*. 23(1), 24-34.

RAGO, Margareth. Descobrindo Historicamente o gênero. *Cadernos Pagu*. Vol. 11. 1998. Pp. 89-98.

CARVRELL, Holly E. Dando corpo à História. Editora Prismas. 1 Ed. Curitiba. 2015.

BORGES, Letícia M. Cheerleading na Universidade Federal de Uberlândia: ascensão e fatores motivacionais dos atletas. Uberlândia. 2019.

GRINDSTAFF, Laura, WEST, Emily. Cheerleading and the Gendered Politics of Sport. *Social Problems*, Vol. 53, Issue 4, pp. 500–518. 2006.

FARRAR, Margaret E. e WARNER, Jamie L. Rah-Rah-Radical: The Radical Cheerleaders' Challenge to the Public Sphere. Published online by Cambridge University. Press:21. 2006. Acessado em 21 de novembro de 2019.

FREIRE, Mariza S., SOBRINHO, Vilma P. A figura feminina do contexto da Inquisição. *Educare et educare, Revista de educação*. Vol. 1 nº 1. Pp. 53-58. 2006.

FREIRE, Mariza S., SOBRINHO, Vilma P. A figura feminina do contexto da Inquisição. *Educare et educare, Revista de educação*. Vol. 1 nº 1. Pp. 53-58. 2006.

IMDb. KARATÊ Kid – A hora da Verdade. Direção John G. Avildsen. Estados Unidos: Produção Jerry Weintraub, 1984. 1 DVD (126min.). Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt0087538/> Acesso em 20 de outubro de 2019.

MAJOROS, Kevin. Previously dormant LGBT cheerleading group revived. *Washington Blade*. 9 de março de 2007. Disponível em: <<https://www.washingtonblade.com/2017/03/09/cheer-d-c-revival/>>. Acesso em: 21 de novembro de 2019.

Cheer Seattle. About Us. Disponível em: <<https://www.cheerseattle.org/about-us>>. Acesso em: 21 de novembro de 2019.

Team DC. About Us. Disponível em: < <https://www.teamdc.org/about-us/>>. Acesso em: 21 de novembro de 2019.

VACCARO, Jeanne. **Give me an f**: cheerleading radical e desempenho feminista. New York: Hemispheric Institute of Performance & Politics New York University, 2004. Disponível em: <https://hemisphericinstitute.org/pt/emisferica-1-1-enacting-democracy/1-1-essays/give-me-an-f-radical-cheerleading-and-feminist-performance.html>. Acesso em: 25 nov. 2019.